O grito do pobre ao Deus da vida nos Salmos de Lamentação individual

Quando se examina na Bíblia a questão da manipulação da vida humana, surge imediatamente a pergunta: Como o orante ou a comunidade de Israel reagem frente ao seu Deus, quando a sua vida é ameaçada? Em outras palavras: como se reza, o que se crê e se pensa sobre Deus no Antigo Testamento, quando a vida humana corre perigo? Deus se revela aos fiéis apenas nos momentos de bem-estar e de paz, ou também de sofrimento, em tempos de desgraça e opressão? É possível comunicar-se com Deus quando ele aparentemente "esconde a sua face" (Sl 88,15) e "se esquece" de seu fiel ou de seu povo?

Wolfgang Gruen em seu livro *O Tempo que se chama Hoje*[1], diz com muito acerto que nos Livros Sapienciais o povo de Israel pensa a vida (Provérbios, Eclesiastes), curte a vida (Cantares) e reza a vida (Salmos). De fato, o tema da vida, ao lado do tema da bênção, marca uma forte presença na oração dos Salmos. Ao menos 90 dos 150 salmos tratam de modo bastante evidente do tema da vida[2]. No presente estudo interessa-nos analisar brevemente, à luz de alguns salmos, como o povo de Israel reza a vida.

Seria interessante uma abordagem do tema sob vários ângulos. Por exemplo, a partir de que situações da vida o povo de Israel formula orações de louvor, de ação de graças ou de súplica. Restringimo-nos aqui apenas a um exame de algumas orações de súplica presentes nos Salmos. Assim o fazemos porque a súplica brota de um contexto de carência humana, da própria impotência do pedinte quando vê sua vida ou a vida de sua comunidade de fé ameaçadas.

1. Wolfgang GRUEN. *O Tempo que se chama Hoje. Uma introdução ao Antigo Testamento*. Ed. Paulinas, São Paulo, 1977.

2. Sobre o dom da vida nos Salmos pode-se consultar o estudo de Felipe ZAGARRA R. Salmos: el don de la vida, in *Páginas* 14, 95 (1989) 7-20.

É um dado tradicional da fé de Israel que Javé ouve o grito de socorro dos que a ele se dirigem em momentos de aflição e os salva. É isso que está expresso no assim chamado "Pequeno Credo Histórico" de Israel:

"Os egípcios nos maltrataram e nos oprimiram, impondo-nos uma dura escravidão. E nós clamamos ao Senhor Deus de nossos pais... e o Senhor ouviu nossa voz e viu nossa opressão, nossa fadiga e nossa angústia e nos libertou do Egito... " (Dt 26,6-8; cf. Ex 2,23-25; 3,7-8).

Mas é nos Salmos, onde se reza a vida, que se encontra o lugar privilegiado para percebermos a relação entre o grito do pobre em oração e a resposta favorável de Deus. O salmista, por exemplo, diz: "Todos os meus membros proclamarão: Senhor, quem é semelhante a ti, que livras do prepotente o indefeso, e do explorador o oprimido e o pobre?" (Sl 35,10). Javé é o Deus que defende e protege a vida onde quer que ela esteja ameaçada (Sl 146,7-9). Os salmos respiram uma confiança profunda em Deus, assim expressada pelo orante: "Invoco-te, ó Deus, porque me respondes" (Sl 17,6; 86,7). Ou: "Sei que o Senhor defende a causa do indefeso e faz justiça aos pobres" (140,13). O atendimento por parte de Deus é quase imediato: "Um infeliz gritou, o Senhor o ouviu e o salvou de todos os perigos" (Sl 34,7).

Dividiremos nosso estudo em três partes, perguntando-nos: Quem é o orante e por que clama? a quem se dirige? o que pede?

1. O PEDINTE DOS SALMOS DE SÚPLICA INDIVIDUAL

Nos assim chamados salmos de súplica ou lamentação individual devemos prestar atenção à exposição que o salmista faz de seu caso[3]. Nesta parte, que precede à súplica ou ao pedido específico, o orante apresenta diante de Deus a situação ou o motivo que o leva a recorrer a Deus. Ele pode ser comparado ao mendigo que pede esmolas na rua, expondo suas feridas e sua miséria.

a) O pedinte dos salmos é um "pobre"

A Bíblia Hebraica conhece vários termos para designar o pobre e a situação de pobreza. O mais comum é *'anî*, indicando a pessoa encurvada, que ocupa uma posição muito baixa, socialmente humilhada, seja pela pobreza econômica, pela enfermidade ou opressão. A pobreza econômica é mais evidente quando o termo se usa em combinação com *dal* ou *'ebyôn*[4]. Um termo conexo e intercambiável com *'anî* é *'anaw*. Nos salmos sempre ocorre na forma plural *'anawîm*. Os dois termos parecem provir

3. Seguimos basicamente a classificação dada por Herman GUNKEL. Veja também Leopold SABOURIN. *The Psalms. Their Origin and meaning*, vol. 1. New York, 1969, 29-35; Claus WESTERMANN. *Praise and Lament in the Psalms.* T. & T. Clark Ltd., Edimburgo, 1965.

4. Veja James Mc POLIN. Los Salmos como oraciones de los pobres, in: *Revista Latino-americana de Teologia* 23 (1991) 169-190. Uma discussão sobre a terminologia usada no Antigo Testamento para o "pobre" encontra-se também em Enzo CORTESE. Poveri e umili nei Salmi, in: *Rivista Biblica Italiana* 35 (1987) 299-306.

do verbo *'anaw*, "afligir", "oprimir" ou "humilhar alguém". Os vocábulos usados para traduzir estes termos variam muito nas traduções modernas.

O termo *'ebyôn* vem de *'abah*, "querer", "desejar". Indica o mendigo que pede esmola. Pode significar o pobre carente de bens materiais, ou o pobre diante de Deus.

Outra palavra usada para o pobre é *dal*; vem do verbo *dalal* , "ser pequeno", "ser fraco". Indica a pessoa magra, deprimida, fraca, necessitada, insignificante. É um termo usado para designar pessoas de classes inferiores.

Nos salmos os termos mais usados são *'anî, 'ebyôn* e *dal*, embora ocorram outros menos usados, como *dak* (oprimido), *helkah* (infeliz, desamparado, miserável) ou *reš* (ser pobre).

Albert Gelin, em seu estudo sobre os pobres de Javé[5], afirmava que desde Sofonias o termo *'anawîm* não indicaria tanto a carência material, mas antes a espiritual. Os *'anawîm* seriam os que se curvam diante de Deus, os humildes, os justos, os tementes a Deus, os piedosos. Mas um estudo recente sobre o Salmo 9/10 – o primeiro do Saltério onde encontramos o vocabulário quase completo para indicar o pobre – dá razão ao que já era defendido por N. Lohfink: Os pobres com os quais Javé se preocupa e aos quais fará justiça, são os pobres reais, também de nossos dias, oprimidos, perseguidos, explorados e empobrecidos[6].

b) O pobre é um enfermo e pecador

Um dos motivos freqüentemente apresentados é a enfermidade:

"Cura-me porque estremecem meus ossos... Estou esgotado de tanto gemer. Todas as noites inundo de pranto minha cama, rego com lágrimas meu leito" (Sl 6,3.7). Às vezes trata-se de uma enfermidade que se prolonga desde a infância (Sl 88,16).

A enfermidade pode estar misturada à consciência do pecado cometido, que provoca a ira divina:

"Cravaram-se em mim tuas flechas,
tua mão abateu-se sobre mim.
Não há parte ilesa na minha carne por causa de tua ira.
Não há parte sã nos meus ossos, por causa do meu pecado...
Minhas chagas são pútridas e purulentas, devido à minha insensatez" (Sl 38,3-4.6).

Seu sofrimento assemelha-se ao de Jó, com a diferença que o salmista se considera culpado:

5. Albert GELIN. *Les Pauvres de Jahvé.* Les Ed. Du Cerf, Paris, 1953.

6. Notker FÜGLISTER. *"Die Hoffnung der Armen ist nicht für immer verloren". Psalm 9/10 und die sozio-religiöse Situation der nachexilischen Gemeinde.* F.S. N. Lohfink, 1993, 101-124.

"Minha vida se esvai em tristeza,
e meus anos em gemidos.
Meu vigor se dissipa por causa de minha culpa;
consomem-se meus ossos.
Sou ludíbrio para os meus opressores
e muito mais para os vizinhos;
os que me vêem na rua fogem de mim.
Fui relegado ao esquecimento como um defunto desconhecido,
não sou mais que um vaso partido;
escuto os cochichos da multidão:
'O espantalho da redondeza!'" (Sl 31,11-14).

Aliás, confessar ou reconhecer o próprio pecado é condição para ser atendido no momento de perigo:

"Como sacrifício, oferece a Deus a confissão
e cumpre teus votos diante do Altíssimo.
Então poderás invocar-me no dia do perigo;
eu te livrarei e tu me darás glória" (Sl 50,14-15).

No Salmo 51, o mais famoso salmo penitencial, fica bem clara a relação entre o reconhecimento do pecado e o atendimento da súplica por parte de Deus. O pecador reconhece o seu pecado e pede perdão e a purificação (51,3-11). Somente depois pede a renovação interior, por meio de um tríplice "espírito": um "espírito resoluto", um "espírito santo" e um "espírito generoso" (v. 12-14). Assim o faz, convencido de que a Deus agrada mais "um coração contrito e humilhado" do que sacrifícios e holocaustos (v. 18-19).

A situação se torna ainda mais grave quando à consciência do pecado, punido por Deus pela enfermidade, se ajunta o desprezo e a maldição dos inimigos:

"Todo dia, os inimigos me ultrajam
e, furiosos, praguejam contra mim.
Em vez de pão alimento-me com cinza
e lágrimas misturo à minha bebida.
Por causa de tua indignação e de teu furor,
tu me ergueste e arrojaste ao chão" (Sl 102,9-11).
"Os adversários me insultam,
perguntando-me, todo o dia:
'Onde está o teu Deus?'" (Sl 42,11)

A expressão máxima do não-humano, da não-vida, talvez a encontremos no Salmo 22, recitado por Jesus na cruz:

"Mas eu sou um verme e não mais um homem,
o opróbrio dos homens e o desprezo do povo.
Todos os que me vêem zombam de mim,
torcem os lábios e meneiam a cabeça" (Sl 22,7-8).

Nas motivações que preparam a prece, o salmista tem consciência das limitações da vida humana:

"Eis que fizeste meus dias da largura de palmos,
e a duração de minha vida é quase nada diante de ti.
O homem, seja quem for, é apenas um sopro" (Sl 39,6).

c) O pobre é um oprimido

Outro motivo que leva ao pedido é a opressão dos inimigos. Partindo da convicção segundo a qual Javé socorre quem a ele recorre para ser libertado dos inimigos, o orante exprime até sua impaciência e exclama: "Até quando prevalecerá o inimigo contra mim?" (Sl 13,3). Deus parece ter se esquecido do seu fiel (Sl 13,2), deixando-o à mercê do adversário.

O inimigo que ameaça a vida do orante é descrito como um animal feroz, prestes a lançar-se sobre a presa indefesa:

"Eles se fecham em seu coração insensível
e falam com boca arrogante.
Eis que seus passos já me cercam,
com olhos atentos para me abater,
como o leão, ávido da presa,
ou como o leãozinho, emboscado no esconderijo" (Sl 17,10-12).
"Rodeiam-me muitos novilhos,
Cercam-me touros de Basã.
Abrem contra mim suas fauces
Leões que devoram e rugem" (Sl 22,13-14).
"Estou deitado no meio de leões,
que devoram os filhos dos homens;
seus dentes são lanças e flechas,
e a língua, um punhal afiado" (57,5).

d) O pobre é um injustiçado

O salmista não poucas vezes é uma pessoa que se afirma inocente, sente-se vítima de acusações injustas por parte de seus adversários. Para defender sua inocência chega a fazer uma automaldição:

"Senhor, meu Deus, se procedi assim,
se há em minhas mãos esta iniqüidade:
se paguei com o mal ao meu aliado,
e despojei meu adversário do pouco que lhe restava,
que o inimigo me persiga e alcance,
esmague no chão minha vida,
e faça minha honra habitar no pó!" (Sl 7,4-6).

Ele se diz vítima de falso testemunho (Sl 35,11), injustamente acusado como ladrão (69,5). Esta injustiça procede até de pessoas que antes eram amigas:

"Porque se abriu contra mim a boca
do perverso e do fraudulento:
falam-me com língua mentirosa;
cercam-me com palavras de ódio

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

e combatem-me sem motivo.
Hostilizam-me em paga de minha amizade
e de minha oração" (Sl 109,2-4).

O orante protesta sua inocência, lembra sua solidariedade para com os inimigos, quando estes estavam enfermos; agora eles o abandonaram:

"Pagam-me o bem com o mal,
a ponto de minha vida tornar-se solidão.
Mas eu, quando eles estavam enfermos,
vestia-me de burel, mortificava-me com jejuns
e orava, curvado sobre o peito.
Como de luto por minha mãe,
eu andava triste e cabisbaixo.
Agora que tropecei, ajuntaram-se, alegres,
congregaram-se contra mim" (Sl 35,12-15).

2. A QUEM O SALMISTA SE DIRIGE?

A resposta parece óbvia: a súplica se dirige ao Deus de Israel. Aqui o que pretendemos é examinar mais de perto alguns nomes, títulos ou atributos divinos que aparecem nos salmos de lamentação individual.

2.1. A oração se dirige ao Deus vivo

Vimos acima que o salmista recorre a Deus na sua súplica porque sua vida está sendo de alguma forma ameaçada. Dirige-se a Deus, confiante de que ele o salvará. A opressão dos inimigos, a doença, a punição do pecado, a injustiça representam as ameaças de morte. Do lado de Deus está a esperança de vida. Apesar disso, o nome "Deus vivo", dado a Javé, é bastante raro, ocorrendo apenas quinze vezes em todo o Antigo Testamento[7].

O nome "Deus vivo" começa a ser usado no período da monarquia, no contexto da polêmica javista e profética contra a religião cananéia, que vê em Baal a fonte de toda vida e da fertilidade. Mas, para a Bíblia, se Baal é um deus que morre e ressuscita cada ano (com a vegetação), Javé é um Deus vivo. Ele permanece sempre vivo, envia a chuva, conserva a vida dos homens, das plantas e dos animais e até ressuscita os mortos (cf. 1Rs 17–18).

No mesmo contexto de polêmica contra Baal, em Os 2,1 aparece o título *Deus vivo*. O profeta, após a primeira invasão assíria em 733, Oséias ou um discípulo no tempo de exílio, promete uma renovação de Israel e uma revisão da aliança com o povo: "No mesmo lugar onde se dizia: 'Vós não sois meu povo', se lhes dirá: 'Filhos do Deus vivo'" (2,1). Este Deus vivo, capaz de libertar do poder da morte (Os 13,14), pode também fazer reviver o povo dizimado pela guerra (Os 6,2).

7. Veja o estudo de Tryggve N.D. METTINGER. *Buscando a Dios. Significado y mensaje de los nombres divinos en la Biblia.* Ediciones El Almendro, Córdoba, 1994, 97-106.

A presença do Deus vivo no meio do povo (talvez na arca da aliança) dá a certeza da vitória contra os povos cananeus (Js 3,10). Este mesmo título Deus vivo ocorre também no contexto da luta de Israel contra os filisteus (1Sm 17,26.36) e no cerco de Jerusalém pelas tropas assírias (2Rs 19,4.16). Nos dois casos trata-se de insulto de estrangeiros contra Javé e seu exército, no momento em que a sobrevivência do povo corre perigo.

Jeremias usa duas vezes o nome Deus vivo. Uma vez, contrapondo o Deus verdadeiro, "o Deus vivo, o rei eterno", aos ídolos dos pagãos (Jr 10,10). Outra vez, denunciando os que pervertem as palavras do Deus vivo, ao rejeitarem as palavras do profeta (Jr 23,36). Duas vezes aparece a fórmula: "o Senhor vive" (2Sm 22,47; Sl 18,47). Também Jó, em meio à sua lamentação, exclama: "Eu sei que o meu redentor está vivo" (Jó 19,25). Uma fórmula de juramento que ocorre 67 vezes no Antigo Testamento também se refere à *vida* de Deus: "pela vida do Senhor" (cf. Jz 8,19); outras 23 vezes ocorre a fórmula de autojuramento: "como eu vivo".

Nos salmos somente duas vezes a oração se dirige ao "Deus vivo". Isso acontece no Sl 42, no início do assim chamado Saltério Eloísta. O Salmo 42 é atribuído aos filhos de Coré. É pós-exílico e está centrado no culto do segundo templo e na Teologia de Sião:

"Como a corça suspira pelas correntes de água,
assim minha alma suspira por ti, meu Deus.
Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo:
quando entrarei para ver a face de Deus?"

O salmista está tomado por um desejo vital, uma tensão primordial em direção a Deus, ao templo, à água, à vida. Longe do templo, sente-se afastado da fonte da vida, que é o Deus vivo ou o "Deus da minha vida" (v. 9). Longe de Deus está a opressão do inimigo; perto de Deus está a segurança simbolizada na imagem do rochedo (42,10). O segredo da vida segura é o Deus vivo, presente no templo. O salmista busca com nostalgia o Templo, por causa desta presença do Deus vivo. Movido por idêntica fé, o vidente de Ez 47,1-12 vê brotar de debaixo da soleira do templo uma prodigiosa fonte de água. Ela se torna um verdadeiro rio e transforma o deserto em jardim, até projetar-se nas águas sem vida do Mar Morto, transformando-as em águas cheias de vida.

Todos buscam a Deus porque ele é a fonte da vida:

"Os filhos dos homens refugiam-se à sombra de tuas asas,
saciam-se da abundância de tua casa,
e lhes dás de beber da torrente de tuas delícias,
porque contigo está a fonte da vida" (36,8-10).

Para o salmista, andar na presença de Deus é andar à luz da vida:

"Arrancaste da morte minha vida e do tropeço meus pés,
para que eu pudesse andar na presença de Deus, à luz da vida" (Sl 56,14).

No Salmo 22, no momento da maior aflição e desespero, o orante lembra que Deus está comprometido com sua vida desde o seu nascimento, como aliado materno:

"Na verdade, és tu que me tiraste do ventre materno
e me confiaste aos seios de minha mãe.
Desde o nascimento estou aos teus cuidados,
desde o ventre de minha mãe tu és o meu Deus" (v. 10-12; cf. 54,6).

Embora o título "Deus vivo" seja pouco freqüente no Antigo Testamento e raro nos salmos, veremos, ao analisar o conteúdo dos pedidos do salmista, que o Deus de Israel está profundamente comprometido com a vida.

2.2. A oração a Javé como Rei

Uma das idéias mais características de Deus no Antigo Testamento é a noção de Deus como Rei[8]. Os israelitas parecem ter herdado dos cananeus o costume de chamar Javé de rei, em protesto contra a realeza atribuída a Baal. Javé era rei e não Baal!

O profeta Isaías, profundamente influenciado pela idéia de Deus-Rei, exclama na visão vocacional: "Meus olhos viram o rei, o Senhor dos exércitos" (Is 6,5). A idéia de Deus-Rei é também muito importante no Saltério. Quando o salmista compõe seus hinos é a majestade real de Deus que constitui o objeto de seus elogios. De fato, Deus é chamado rei 20 vezes nos Salmos: 16 vezes em hinos[9], duas vezes em salmos de lamentação individual (Sl 5,3; 10,16) e duas vezes em salmos de lamentação coletiva (Sl 44,5; 74,12).

Percebe-se também neste título uma certa polêmica com a divindade cananéia Baal. O desafio lançado por Elias aos sacerdotes de Baal deixa claro que Baal era incapaz de responder às súplicas de seus fiéis (1Rs 18,26-29). Da mesma forma, o rei que Israel havia escolhido para si, imitando os povos cananeus e rejeitando assim a Javé (1Sm 8,7), era incapaz de atender aos gritos de socorro nos momentos de angústia do povo (1Sm 8,17; 2Rs 6,26-27). O salmista, porém, pode confiar em Javé porque "é rei para todo o sempre" (Sl 10,16), e a ele se volta confiante:

"Escuta meu grito de socorro,
ó meu Rei e meu Deus!" (Sl 5,3).

O orante tem a certeza de ser atendido, "porque do Senhor é a realeza e é ele que governa as nações" (Sl 22,29).

Numa lamentação individual, em situação trágica de Israel, o salmista busca como motivo de confiança o tema de Javé-Rei, que entrou em luta contra o caos para resgatar a vida de seu povo por ocasião do êxodo do Egito (Sl 77,15-20). Baseado na mesma fé em Javé-Rei e libertador, Ezequiel anuncia o novo êxodo num momento de profundo desânimo de Israel, durante o exílio da Babilônia (Ez 20,32-37). Esta batalha de Javé-Rei começa com o êxodo, continua com a peregrinação pelo deserto e culmina em Sião-Jerusalém (Ex 15,1-18). É nesta "cidade do Grande Rei" (Sl 48,3), que Javé estabelecerá a sua morada. Neste local receberá

8. Veja Tryggve N.D. METTINGER. *Buscando a Dios,* 107-135.

9. Veja Sl 24,7.8.9.10; 29,10; 47,3.7.8; 48,3; 68,24; 84,4; 95,3; 98,6; 99,4; 145,1; 149,2.

o culto do Israel renovado (Ez 20,40). É, pois, a confiança no mesmo Deus-Rei, libertador da opressão no Egito, que leva o orante a expressar o seu pedido nos salmos de lamentação individual ou a cantar nos hinos de louvor a ação libertadora de Javé.

O salmista expressa sua confiança em Javé-Rei chamando-o sua "rocha de refúgio" (Sl 18,3; 31,4) ou dando-lhe o título de pastor. Os reis do antigo Oriente Médio se consideravam os pastores do seu povo, como se vê no Código de leis de Hamurabi. Como a função do pastor é essencial para garantir a vida do rebanho, assim a função do rei era considerada indispensável para assegurar a vida do povo, especialmente dos mais desprotegidos. Javé é visto como pastor do seu povo desde o êxodo do Egito (Sl 78,52s). Continua exercendo esta função de pastor em benefício da vida de Israel também no presente:

"Escuta, Pastor de Israel,
que guias José como um rebanho!
Tu que estás entronizado sobre os querubins, manifesta-te" (Sl 80,2; cf. 95,7).

Trata-se de uma relação cheia de confiança, porque Javé-Pastor é a fonte da vida do orante:

"O Senhor é meu pastor: nada me falta.
Em verdes pastagens me faz repousar,
conduz-me até às fontes tranqüilas
e reanima minha vida" (Sl 23,1-3).

Nas lamentações coletivas o povo clama a Javé-Rei, recordando que no passado ele sempre tem garantido a vitória contra os inimigos (Sl 44,2-8). O reinado de Javé, que se dá na história de seu povo, se manifesta também sobre toda a criação. Em resposta às pretensões de Baal, que, segundo a mitologia, teria garantido sua realeza vencendo os monstros do caos (o mar), o salmista afirma a realeza definitiva de Javé:

"Tu, ó Deus, és meu rei desde sempre,
tu, que realizas vitórias por toda a terra:
Fendeste o mar com tua força
e esmagaste as cabeças dos dragões marinhos,
esmigalhaste as cabeças do Leviatã
e o deixaste como presa aos monstros marinhos" (74,12-14).

Mas é nos hinos de louvor que Israel costuma aclamar de modo especial a realeza de Javé sobre a criação e sobre as forças da natureza (Sl 29), na história de Israel e de todos os povos[10]. Javé é um rei e juiz que exerce seu domínio universal a partir de Sião-Jerusalém. Nos tempos escatológicos, Javé vai preparar em Sião um banquete para todos os povos, a fim de celebrar sua vitória na batalha final contra a morte:

10. Veja os Salmos 24; 47; 48; 68; 95; 99.

"Fará desaparecer a morte para sempre.
O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces
e removerá de toda a terra o opróbrio de seu povo" (Is 25,8).

Mas a atenção de Javé-Rei, criador do universo, se volta especialmente para os "pobres", cuja vida é diminuída e ameaçada. Esta ação é sintetizada de modo admirável no louvor que brota como resposta à ação de Deus em favor da vida ameaçada:

"Feliz a quem socorre o Deus de Jacó,
quem espera no Senhor seu Deus,
que fez o céu e a terra,
o mar e tudo quanto ele contém,
que guarda fidelidade para sempre,
que faz justiça aos oprimidos,
que dá o pão aos famintos!
O Senhor abre os olhos aos cegos,
o Senhor endireita os encurvados,
o Senhor ama os justos,
o Senhor protege os forasteiros,
ampara o órfão e a viúva,
mas subverte o caminho dos ímpios.
O Senhor reinará eternamente;
teu Deus, ó Sião, de geração em geração" (Sl 146,5-10).

Relacionado com o título Javé-Rei aparece outro, o de "Javé dos Exércitos" (*Yahweh Sebaot*), que algumas edições bíblicas traduzem por "Senhor Todo-poderoso". É um título usado sobretudo por profetas ligados à tradição do templo de Jerusalém. Das 284 vezes que o nome ocorre no Antigo Testamento, aparece 56 vezes em Isaías 1–39, 14 vezes em Ageu, 53 vezes em Zacarias e 24 vezes em Malaquias[11]. Nos Salmos ocorre apenas 15 vezes, especialmente num Salmo que descreve a procissão da Arca da Aliança (Sl 24), num "salmo de peregrinação" (Sl 84) e nos "Salmos de Sião" (Sl 46; 48; 84), estreitamente vinculados com Jerusalém e seu Templo. O título ocorre ainda duas vezes em salmos de lamentação individual (Sl 59,6; 69,7) e cinco vezes em salmos de lamentação coletiva (Sl 80,5.8.15.20: 89,9). Esta maneira de caracterizar a Deus está ligada ao título Javé-Rei:

"Quem é esse rei da glória?
Javé dos exércitos,
é ele o rei da glória" (Sl 24,10).

A qualificação "dos exércitos" (*sebaot*) se caracteriza pela idéia do Deus de Israel como aquele que está presente no Templo, como rei entronizado sobre os querubins e rodeado pela corte celeste[12]. A Arca da Aliança era o pedestal de Javé (1Cr 28,2; Sl 132,7) e os querubins que Salomão mandou esculpir formavam o trono (1Rs 6,23-28). É a esse trono de Javé dos Exércitos que Isaías se refere na

11. Veja Tryggve N.D. METTINGER. *Buscando a Dios,* 137-168.

12. Veja METTINGER, *op. cit.*, 161-162.

sua visão vocacional no Templo (Is 6,1-5). Mas a presença e a glória de Javé dos Exércitos não se restringem ao recinto do Templo, porque "toda a terra está cheia de sua glória" (v. 3). Mesmo assim, Javé dos Exércitos é um Deus que está com seu povo. É o *Immanuel*, o Deus conosco (Is 7,14; 8,10). Seu reinado se estende a todas as nações, pois ele dirige sua história.

Podemos lembrar aqui o episódio registrado durante o cerco de Samaria pelos arameus, no tempo do profeta Eliseu (2Rs 6,24-31). Uma mulher, no desespero da fome, grita ao rei: "Socorro, real Majestade!" E o rei confessa sua impotência para resolver o problema, dizendo: "Se o Senhor não te socorre, como eu poderia socorrer-te?" Assim o Deuteronomista confirma o que previra no discurso de Samuel: "E se então um dia pedirdes socorro por causa do rei que tiverdes escolhido para vós, o Senhor naquele dia não vos atenderá" (1Sm 8,17). O orante dos salmos, oprimido pelos inimigos ou sufocado pelo sofrimento, já não sabe mais a quem apelar. Volta-se, então, para Deus como o último refúgio em que pode confiar. Por isso, quando se dirige a Deus, chama-o de sua rocha e esbanja sinônimos que significam segurança:

"Senhor, minha rocha, minha fortaleza e meu refúgio,
meu Deus, rochedo em que me abrigo,
meu escudo, meu penedo de salvação, meu baluarte!" (Sl 18,3).

Recentemente, uma mãe, desesperada pela morte trágica de seu filho, inconsolável gritava para mim, pedindo socorro: "Me ajuda! Me ajuda! Só você me pode ajudar!" Senti naquele instante o limite da incapacidade humana de dar uma resposta àquela mãe esmagada pela dor, frente à morte de seu filho. É no momento em que uma vida está ameaçada ou é arrancada que mais se sente a limitação humana. Surge, então, a necessidade de clamar a Aquele que tem o poder sobre a morte e a vida. Pensei então comigo mesmo: "Se Deus não te ajuda, quem sou eu para te ajudar?" Quando do desespero se passa à confiança em Deus, então se pode entender o que o salmista queria dizer quando chamava a Deus de "rocha", "fortaleza", "refúgio", "escudo", "penedo" e "baluarte".

3. O QUE O ORANTE PEDE

Vimos, inicialmente, que a súplica parte de pessoas que podemos classificar como pobres. Pobres, antes de tudo, por causa de sua condição social baixa, com todas as limitações de vida, que nisso se implicam. São pobres, também, porque têm sua vida diminuída, encurtada pela enfermidade. São pobres porque se sentem pecadores, passíveis de uma justa punição divina, que pode ser a enfermidade, a perseguição dos inimigos etc. São pobres porque estão sendo oprimidos e injustiçados pelos inimigos. A pobreza do orante se caracteriza, portanto, por situações econômicas, sociais e religiosas que limitam e ameaçam a vida humana mais plena.

Examinando o conteúdo dos pedidos dos salmos de lamentação individual, percebemos o seguinte: O orante é uma pessoa que se coloca diante de Deus na relação eu-tu. O "eu" é alguém que suplica a partir das limitações da vida acima descritas. Estas limitações caracterizam o humano em geral e o levam a pedir a Deus um bem que satisfaça e responda a estas limitações. Por isso, estas lamentações, acompanhadas de pedidos por um bem aparentemente individual, foram

acolhidas no Saltério, o livro oficial das orações do povo de Deus. Pois nas situações de carência e nos pedidos individuais a comunidade de Israel se identifica.

3.1. O orante pede a salvação para si e a punição para os inimigos

A nós cristãos pode parecer estranho que a prece pela salvação do indivíduo venha, muitas vezes, acompanhada de um pedido de punição ou até de maldição dos inimigos[13]. Estamos acostumados a ouvir que Jesus manda perdoar os inimigos, oferecer a face esquerda a quem bate na direita, a orar pelos que perseguem e caluniam, a amar e fazer o bem aos que nos odeiam. Em nossa sensibilidade cristã talvez fiquemos confusos até diante do louvor de Maria ao Senhor, que "derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes, que enche de bens os famintos e aos ricos despede de mãos vazias" (Lc 1,52-53). Aceitamos, porém, com mais facilidade a parábola do juízo final, quando o Filho do Homem há de recompensar os que foram solidários com os pobres e sofredores e punir os que se omitiram (Mt 25,31-46).

Não podemos esquecer que o salmista ainda desconhece o juízo final e a recompensa após a morte. Para ele, Deus deve exercer seu julgamento já neste mundo. Salva os seus fiéis e pune os ímpios e pecadores já nesta vida; por isso se escandaliza diante da prosperidade do ímpio (Sl 73,2-14). Além do mais, o salmista se considera um aliado de Deus. A sua causa é a causa de Deus. Não é a vingança pessoal que pede, mas a intervenção salvífica de seu aliado divino.

Vimos acima que na lamentação o salmista se apresenta como vítima da perseguição, da opressão e do desprezo por parte de pessoas que ele qualifica como inimigos. Nestas circunstâncias, evidentemente, ele pede a Deus que o proteja contra os adversários e o liberte:

"Afastai-vos de mim, malfeitores,
porque o Senhor ouviu meu pranto" (Sl 6,9).
"Inclina para mim teu ouvido e apressa-te em libertar-me...
Tira-me da rede que, às ocultas, me estenderam,
porque tu és meu protetor" (31,3.5; cf. 141,9).
"Livra-me da mão do inimigo e do perseguidor" (31,16; cf. 142,7).

Pede a proteção divina porque sua vida corre perigo:

"Fiquem confundidos e desacreditados
os que atentam contra minha vida!
Recuem, cobertos de vergonha,
os que tramam minha desgraça!" (35,4).
"Sejam confundidos e abatidos
os que atentam contra minha vida!
Cubram-se de vergonha e desonra

13. Veja Sl 5,9.11; 6,2-6.9.11; 7,2.7.10; 17,1-2.6.6.13-14; 26,9; 28,1-3; 109,6-20, etc.

os que procuram minha desgraça!" (Sl 71,12).
"Vê quantos são meus inimigos
e como me odeiam com ódio violento!
Guarda minha vida e salva-me!" (25,19-20)

Pede que Deus não o trate como aos ímpios (Sl 28,3), mas que use seu poder para lhe fazer justiça (Sl 54,3-4), pois ele se considera inocente:

"Senhor, juiz dos povos!
Julga-me, Senhor, segundo minha justiça
e segundo a inocência que há em mim!" (Sl 7,9).
"Faze-me justiça, Senhor,
pois caminho honradamente
e confio em ti, Senhor, sem vacilar...
Eles trazem nas mãos a infâmia
e a direita cheia de suborno.
Eu, porém, procedo com integridade:
salva-me e tem piedade de mim!" (Sl 26,1.10-11).

Outras vezes, porém, tem consciência de que é solidário no pecado:

"Se levardes em conta, Senhor, as iniqüidades,
Senhor, quem poderá subsistir?" (Sl 130,3).

Por isso pede para ser poupado de um julgamento diante do tribunal divino:

"Não cites perante o tribunal teu servo,
porque, diante de ti, nenhum ser vivo é justo!" (Sl 143,2).

Oprimido pelo inimigo, sufocado pelo sofrimento e pela doença, o salmista é tomado pela sensação de abandono por parte das pessoas e do próprio Deus (Sl 142,5; 22,2). Pede, então, que Deus não o abandone (Sl 22,13; 27,9), mas venha logo em socorro de sua vida:

"Não fiques tão longe, Senhor!
Tu, minha força, vem depressa em minha ajuda!
Livra da espada minha vida,
minha única vida, das garras dos cães!" (Sl 22,20-21).

3.2. O clamor da vida frente ao pavor da morte

Vimos no ponto anterior como o salmista reage e qual é o conteúdo de sua oração quando ele vê sua vida ameaçada pelos inimigos. Mas como reage e o que pede o salmista quando o inimigo que ameaça é a doença ou a morte?

O termo mais usado para expressar a morte é "Xeol", que nas versões em português é traduzido em geral por "abismo" ou "infernos"[14]. O "Xeol" é imaginado como um lugar escuro, cheio de sombras, para onde vão as pessoas que perdem a

14. Cf. Felipe ZAGARRA R., *art. cit.*, 7-20.

vitalidade; é um lugar de inanição e de semivida. Para o israelita o ser humano não é composto de corpo e alma, como acontece na visão grega. Na visão bíblica o ser humano forma uma unidade. Por isso, a morte, como dissolução absoluta do ser humano, é impensável para a fé israelita. É incompatível com sua idéia de Deus e de seu dom da vida. Daí a idéia do Xeol, este estado intermediário entre vida e a morte absoluta. O Xeol é uma subvida, um estado de hibernação, uma vida que não é vida[15].

Assim se compreende o pavor do israelita frente à morte, expresso em vários salmos. Numa lamentação coletiva sobre a ruína da nação e da casa real, o salmista expressa seu medo diante do inevitável Xeol:

"Lembra-te como é breve minha vida,
quão efêmeros criaste todos os filhos dos homens!
Quem viverá sem ver a morte,
quem livrará sua vida das garras do abismo?" (Sl 89,48-49).

O espectro da morte pode ser ao mesmo tempo um motivo de protesto contra Deus e uma ocasião de súplica:

"De que te servirá meu sangue,
quando eu descer ao fosso?
Pode, acaso, o pó louvar-te
ou procurar tua felicidade?
Escuta, Senhor, tem piedade de mim,
sê tu, Senhor, meu socorro!" (Sl 30,10-11).

Para o salmista, portanto, Deus deveria ser o primeiro interessado em conservá-lo em vida, para não perder a oportunidade de ser louvado. Além do mais, Deus tem vida de sobra para querer encurtar a vida do salmista:

"Meu Deus – disse eu – não me arrebates na metade dos meus dias
em atenção a teus anos, que duram por todas as gerações" (Sl 102,25).

Um salmista, provavelmente acometido de doença incurável, queixa-se de ter sido colocado por Deus à beira do Xeol e de ter sido abandonado até pelos amigos. Apesar disso, dirige insistente súplica ao Senhor (Sl 88,4-10). Na sua angústia levanta uma série de questionamentos a Deus:

"Farás, acaso, um milagre pelos mortos?
Levantar-se-ão as sombras para louvar-te?
Tua lealdade será anunciada no sepulcro,
ou no inferno, tua fidelidade?
... Por isso clamo a ti, Senhor, por auxílio;
de manhã minha súplica já está diante de ti" (Sl 88,11-14).

Com razão Von Rad afirmava que, para a antropologia bíblica, "o louvor é a forma que mais se adapta à existência humana. Louvar e não mais poder louvar

15. Cf. Felipe ZAGARRA R, *art. cit.*, 9.

se opõem entre si como a vida e a morte"[16]. Na visão do salmista não há nada mais trágico na morte do que cortar a possibilidade de comunicação com Deus. A morte é um problema até para Deus:

"É dolorosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis" (Sl 116,15).

Se o salmista suplica a Deus que prolongue sua vida, livrando-o de uma prematura entrada no Xeol, para os inimigos, ao contrário, pede que sejam riscados do livro da vida (Sl 69,29) e desçam logo ao abismo:

"A morte os surpreenda e desçam vivos para o abismo,
pois no interior de suas casas só há iniqüidade...
Esses ardilosos assassinos
não completarão nem a metade de seus dias" (Sl 55,16.24).
"Mas os que intentam tirar-me a vida
desçam às profundezas da terra" (Sl 63,10).

3.3. A lamentação por ocasião da morte de um parente

Na Bíblia não faltam cenas de luto quando morre uma pessoa querida, especialmente um parente próximo. Abraão, por exemplo, faz luto quando falece sua esposa Sara (Gn 23,2). Esaú planejava matar seu irmão Jacó após os dias de luto por seu pai Isaac (Gn 27,41). José lança-se sobre o rosto de Jacó quando este acaba de falecer e depois promove um funeral e um luto de sete dias junto à eira de Atad (Gn 50,1-11), além dos setenta dias de luto observados no Egito. Os israelitas choram a morte de Moisés durante trinta dias (Dt 34,8). A mulher de Urias fez a lamentação fúnebre costumeira quando soube que o marido morrera no campo de batalha (2Sm 11,27). Davi e os seus homens choraram e lamentaram a morte de Saul e Jônatas, e Davi até compôs uma lamentação pelos dois heróis tombados na batalha de Gelboé (2Sm 1,11-27). Mais tarde, rasga as roupas, veste-se de cilício e chora em sinal de luto por Abner, general amigo assassinado (2Sm 3,31-34). As lamentações de Davi por seu filho Absalão, quando soube de sua triste morte, foram tão intensas que eclipsaram o triunfo das tropas leais contra os revoltosos e geraram o protesto do general Joab (2Sm 19,1-9). Nestas e outras lamentações prevêem-se certos ritos de luto, como rasgar as vestes em sinal de dor e vestir-se de saco (Gn 37,34), cobrir a barba e o rosto (Ez 24,17; 2Sm 19,5), ou jogar pó e cinza sobre a cabeça (Ez 27,30). Fazem parte do luto as lamentações como as de Davi: "Meu filho Absalão, meu filho, meu filho! quem me dera ter morrido em teu lugar, Absalão, meu filho, meu filho!" (2Sm 19,1). Em fórmulas deste tipo consistia o "fazer lamentação" por um morto, parente ou não. Estas exclamações de dor, em casos especiais, podiam transformar-se num canto fúnebre (*qînah*), como a lamentação de Davi por Saul e Jônatas (2Sm 1,11-27), repleta de emoção humana mas sem nenhuma conotação religiosa[17].

16. Gerhard von RAD. *Teologia do Antigo Testamento*, I. ASTE, São Paulo, 1973, 353.

17. Sobre os ritos fúnebres por ocasião da morte veja Robert DE VAUX. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento*. Marietti, Torino, 1964, 65-70.

Curiosamente, o contexto de luto por um parente morto não se expressa nos salmos de lamentação individual. O salmista suplica a partir de tantos contextos de sua vida que sente ameaçada por inimigos, pela doença ou pela carência física ou psíquica. Por que não o faz quando perde a esposa, o marido, um filho ou uma filha? Será que a dor da perda de um ente querido é tamanha que sufoca a capacidade de se lamentar e fazer uma súplica? Ou o israelita, diante da inevitável e temida "descida ao abismo", se resigna ao silêncio e se acontenta em cumprir os rituais previstos para o luto, fora do contexto religioso?

Não há dúvida que a dor da perda de uma pessoa querida constitui-se num dos sofrimentos mais intensos, sobretudo quando a vida é truncada de modo inesperado e dramático. Devemos partir da constatação que o sofrimento intenso provoca inicialmente a mudez e um sentimento de impotência, como o diz Bárbara Bozak em seu estudo sobre o sofrimento e os Salmos 77, 88 e 143[18]. O processo de cura – diz ela – consiste em devolver à pessoa a capacidade de falar, verbalizar sua dor e o sentimento de potência para enfrentar o sofrimento[19]. E são exatamente os salmos de lamentação individual que dão voz ao que está mudo e potência ao impotente. Como exemplos de uma terapia do sofrimento, a autora aponta o Salmo 77, como expressão da fase inicial da impotência, da incapacidade de externar a dor; o Salmo 88, que devolve a capacidade de expressar a dor aos que estão mudos; o Salmo 143, que mostra um sofredor em processo de cura, porque não só verbaliza o sofrimento mas retoma o controle da situação e age, identificando a origem do sofrimento e pedindo a intervenção divina para eliminá-la. Os salmos de lamentação individual podem ser vistos como uma ajuda ao indivíduo na sua dor, e também como uma resposta à dimensão social do sofrimento. Daí a possibilidade de a comunidade se identificar com o sofrimento individual, quando reza os salmos de lamentação individual. Os salmos de lamentação podem ser vistos como uma resposta ao sofrimento em todas as suas dimensões: físicas, psíquicas e sociais.

Fala-se na existência, no Antigo Testamento, de um ritual de tratamento de um enfermo[20]. Um profeta ou um sacerdote realizaria um culto de oração em favor do sofredor, talvez com a presença da família. Os elementos essenciais do ritual seriam: a consulta a Javé, rituais de sacrifício e purificação (cf. Sl 5,3; 26,6), uma oração do homem sofredor (cf. Sl 3–6; 11–13; 17; 22 etc.), anúncio da graça por parte do ministro (cf. Sl 12,5; 91,3-13). A liturgia em favor do sofredor recebia modificações específicas de acordo com o caso, às vezes dando ênfase à inocência

18. Barbara A. BOZAK. Suffering and the Psalms of Lament. Speech for the Speechless, Power for the Powerless, in: *Église et Théologie* 23 (1992) 325-338.

19. De modo semelhante Erhard S. GERSTENBERGER diz a respeito dos conflitos causados pelo sofrimento, expressos nos salmos de lamentação, às vezes em forma de maldição aos inimigos: "Os sentimentos de ódio acumulados no homem sofredor têm que ser externados, e, se for necessário, *verbalizados aos berros* (nosso grifo). Essa é a única maneira de libertar-se do sofrimento, respectivamente de assimilar aquilo que ameaça destruir a vida" (*Por que sofrer?*, Ed. Sinodal, São Leopoldo, 1979, 102). Penso que Jó expressa semelhante processo: No início a mudez; depois, a verbalização da dor, com momentos de extrema revolta; por fim, a humilde submissão a Deus.

20. Erhard S. GERSTENBERGER. *Por que sofrer?*, 100.

(cf. Sl 26), outras vezes, à confissão da culpa (cf. Sl 51), à descrição dos sintomas da enfermidade (cf. Sl 38) ou à perseguição por inimigos (cf. Sl 102).

Creio que, após as lamentações e os ritos costumeiros de luto, podemos supor uma liturgia de caráter religioso, semelhante à descrita acima por Gerstenberger.

CONCLUSÃO

Assistimos todos os dias a cenas de violência e de dor, que nos são transmitidas pelos telejornais. São cenas de guerra e de guerrilha, de atentados a bomba que explodem por motivos políticos, agravados pelo fanatismo; chacinas em nossas ruas e nas prisões; repetidos massacres dos "sem-terra", que lutam pela terra, isto é, a vida de sua família; tiroteios entre grupos de traficantes ou com a polícia, que sempre provocam vítimas inocentes. Quantas mães choram seus filhos executados friamente ou vítimas de balas perdidas, vítimas de tragédias humanas ou de acidentes! Quanto sofrimento causado pelas enchentes, por barreiras que sepultam famílias inteiras, em geral as mais pobres. Quanta dor causada pelo descaso das autoridades públicas, que leva ao não-atendimento e à morte de pacientes nas filas de nossos hospitais. Quanto sofrimento silencioso dos enfermos nos hospitais ou nas casas, especialmente de aidéticos. Estamos, de certa forma, anestesiados pelas freqüentes cenas de violência dos noticiários televisivos. Como recuperar o sentido da solidariedade na dor e no sofrimento de quem sofre ao nosso lado? Como auxiliar a superar o sofrimento a quem grita para nós "me ajuda! me ajuda!" – em meio ao desespero da dor pela morte de um filho?

Penso que nos Salmos, onde o povo de Israel aprendeu a rezar a partir do sofrimento e das tensões da vida, podemos encontrar uma enorme ajuda para nós, em momentos de dor, e para quem sofre ao nosso lado. Orando com os salmos de lamentação, podemos despertar para a solidariedade no sofrimento dos outros.

Recentemente, na Alemanha, uma novela televisiva de bastante sucesso, intitulada "Mit Leib und Seele" (De Corpo e Alma), apresentava a figura de um pastor, um sacerdote católico, como protagonista. A cada capítulo era apresentada uma cena da vida pastoral, onde o padre se deparava com problemas de tipo social, psíquico ou espiritual. A certa altura, ele visita um jovem aidético no hospital. Diante do sofrimento do infeliz paciente, o sacerdote não consegue dizer nenhuma palavra de conforto. Abre, então, sua Bíblia e lê para o enfermo o Salmo 139: "Senhor, tu me sondas e me conheces; sabes quando me sento e quando me levanto, de longe vês todos os meus caminhos..." Aos poucos o rosto do jovem, marcado pela dor e pelo desespero, se desanuvia e lhe volta a paz. A oração do salmo ajudou o paciente a verbalizar seu sofrimento. Como vimos acima, verbalizar o sofrimento é o primeiro passo para a terapia da pessoa.

Para essa verbalização do sofrimento os salmos de lamentação individual são de grande utilidade. Eles expressam tanto a revolta frente ao sofrimento, quanto a incompreensão dos caminhos de Deus. Ajudam a recuperar a confiança em Deus e na vida, quando recordam os benefícios de Deus no passado. Devolvem ao orante o controle sobre o seu sofrimento e sobre sua vida. Westermann chama atenção ao fato que a lamentação foi "totalmente excluída no Cristianismo Ocidental" das relações do ser humano com Deus e, com isso, desapareceu da oração

e do culto[21]. A lamentação dá expressão ao sofrimento, dimensão dolorosa de nossa vida, enquanto o louvor a Deus articula a alegria. A exclusão da primeira de nossas relações com Deus é um erro e, na realidade, serve para diminuir e distorcer a alegria[22].

Por isso, não deveríamos censurar os "desejos de vingança" do salmista, nem mesmo as maldições que profere contra os opressores. Por que não podemos nos desabafar assim diante daquele que nos criou e nos salvou? Os desabafos e as maldições fazem parte da terapia humana e cristã[23]. Eles podem, aos poucos, desembocar no louvor ao Deus da vida, que ressuscitou seu Filho Jesus. Ele, sim, um dia "enxugará as lágrimas de seus olhos, porque a morte já não existirá, nem haverá luto; nem pranto, nem fadiga, porque tudo isso já passou" (Ap 21,4).

Ludovico Garmus
Caixa Postal 90023
25689-900 Petrópolis, RJ

21. Claus WESTERMANN, *op. cit.*, 265. É o que aconteceu, por exemplo, na "Liturgia das Horas", oração oficial dos sacerdotes e religiosos na Igreja Católica, que omitiu os Salmos imprecatórios, 57, 83 e 109. Curiosamente, o motivo dado para tal omissão é que as imprecações causariam "certa dificuldade psicológica" (veja *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas,* n. 131, in: *Liturgia das Horas,* vol. I, 56).

22. Veja Michael NEARY. The importance of Lament in the God/Man Relationship in Ancient Israel, in: *The Irish Theological Quarterly* 52 (1986) 180-192.

23. Talvez este aspecto possa ser acrescentado à mensagem dos Salmos que contêm imprecações e maldições, como a procura explicar Luis Inácio STADELMANN. As maldições nos Salmos, in: *Perspectiva Teológica* 29 (1988) 317-338.